

O Regime Escocês Retificado (R.E.R.)

O Regime Escocês Retificado (R.E.R.) é uma via particular, uma via específica e complexa, dentro da Maçonaria. Certamente, ela não convém a todos, isso não seria apenas por seu caráter essencialmente cristão, o qual, entretanto, não é necessário confundir com um ostracismo qualquer nem com uma filiação confessional específica. Isso seria um grave erro e o sinal de uma total incompreensão do conteúdo real do Rito. Contudo, essa especificidade frequentemente tem sido criticada na época moderna, principalmente por aqueles que têm a lamentável tendência de rejeitar o aspecto sagrado da via iniciática, querendo ver na Franco-Maçonaria apenas uma fraternidade de homens do século. Fazendo isso, eles distorcem a natureza e a essência^[1]. Existe uma realidade iniciática imemorial, é inegável; se ela se apropria de caminhos diferentes, isso não corrompe em nada sua eficácia. O Regime Retificado, por mais particular que seja, não se afasta em nada da realidade maçônica e de sua meta principal. É necessário não esquecermos que está escrito: “Existem diversas moradas na casa de meu Pai” (João 14,2).

Ora utilizaremos a expressão Rito ora Regime; caso seja feita referência a elementos particulares do ritual ou a coisas muito mais gerais, concernentes ao espírito que nele reina ou abrangendo o conjunto de sua estrutura. De fato, a expressão Regime, que abrange o conjunto dos graus de um Rito, é anterior ao surgimento dos sistemas de obediências que viram a separação dos três primeiros graus dos seguintes, que mais tarde foram elaborados por outros organismos.

O Regime Escocês Retificado, sem desenvolvermos a história que se encontrará facilmente nas obras indicadas na bibliografia, nasceu na França, na segunda metade do século XVIII, sob impulso do lionês Jean-Baptiste Willermoz. Ele sucedeu, inicialmente nos territórios franceses e depois nos outros países europeus, à Estrita Observância, geralmente chamada Estrita Observância Templária (*Stricte Observance Templière – S.O.T.*), organização maçônica de caráter cavalheiresco de origem alemã. Os primeiros esboços dos rituais foram elaborados em 1778, no Convento das Gálias, e somente foram definitivamente formulados, pelo menos no que diz respeito aos três primeiros graus, no Convento de Wilhelmsbad, alguns anos mais tarde, em 1782. A Ordem Interior e, sobretudo, o 4º grau sofreram ainda diversas evoluções nos últimos anos do século XVIII, e depois no começo do século XIX, mais precisamente em 1809, para o 4º grau.

Diversas influências atuaram na formação do R.E.R., sobre as quais podemos fornecer aqui apenas um vislumbre bem sucinto.

O R.E.R., assim como todos os outros Ritos da Maçonaria Especulativa, surgiu no Reino Unido e conservou uma ampla parte do tronco comum inicial, essencialmente nos graus azuis ou três primeiros graus. Ele deve à Estrita Observância Templária o seu caráter cavalheiresco e seu Templarismo. Esse Templarismo remonta provavelmente aos

^[1] Poderemos ler com proveito: *La Franc-Maçonnerie comme voie spirituelle*, J.-P. Schnetzler, Dervy, 1999.

Conventos de Unwürde (1754), em seguida ao de Altentenberg (1764), de Kohlo (1772), de Brunswick (1775) e, mais tarde, foi definido em sua forma atual, em 1778, rejeitando qualquer liame histórico com a Ordem do Templo, mas mantendo em diversos aspectos uma filiação espiritual. Ele recebeu também influências, que não se pode negligenciar, de Martinez de Pasqually, enfatizando a ressonância judaico-cristã e o fundo salomônico. Convém saber que praticamente todos os fundadores do R.E.R. pertenciam à Ordem dos *Élus Cohens* [Sacerdotes Eleitos], criada e fundada por Martinez de Pasqually. É de lá que provêm a metafísica e a teosofia particulares, e por toda parte, subjacentes a esse Rito. Outro personagem, do mesmo período e ao qual Willermoz foi muito ligado, Louis-Claude de Saint-Martin, que durante anos foi o secretário de Martinez de Pasqually, dedicou-lhe uma “religiosidade” cristã mais “ortodoxa”, perceptível através das preces que adornavam em todos os níveis o desenrolar das cerimônias. Esse caráter foi ainda mais reforçado por Joseph de Maistre, católico romano convencido, mas de uma absoluta integridade cristã e visando a uma reunião das diferentes igrejas, como expõe em sua *Mémoire au duc de Brunswick* [Memória do duque de Brunswick]. Por outro lado, ele tinha uma presciência do Evangelho eterno, que é o que René Guénon chamou de Tradição Primordial (cf. *Les Entretiens de Saint-Petersbourg* – As Entrevistas de São Petersburgo). Enfim, o espírito do século XVIII impregnou as primeiras versões dos rituais com certos conceitos religiosos particulares àquela época, elementos que se modificaram muito rapidamente.

Dessa tripla origem do Rito Retificado resulta uma sobreposição de significados que nem sempre é fácil de discernir, visto que alguns são sistematicamente apresentados de maneira velada. Nós ainda estamos diante de uma mistura dessas fontes, incluindo elementos subjacentes da teosofia de Martinez de Pasqually, esclarecidos pelos primeiros textos do Filósofo Desconhecido Louis-Claude de Saint-Martin, e muitas vezes voluntariamente atenuados por Jean-Baptiste Willermoz. Além disso, eles são apresentados nos graus simbólicos apenas de maneira indireta e sem a menor explicação. Nós os encontraremos de uma maneira um pouco mais clara apenas nas Instruções secretas aos Grandes Professos, porém ainda de maneira parcial, atenuados, pois sua explicação constitui, ou deve constituir, o mesmo trabalho das “conferências” dessa considerada classe secreta, situando-se fora do regime propriamente dito. Apesar de serem elementos secretos, constituem um dado essencial à compreensão do Rito e seus componentes.

A partir de alguns desses dados, as especificidades desse Rito podem, sintética e muito esquematicamente, ser definidas por:

- seu caráter de via cavalheiresca desembocando para além do 4º grau em uma abordagem bastante diferente da Maçonaria clássica;
- sua abordagem de ordem puramente espiritual, sem jamais fazer apelo aos pormenores da Maçonaria Operativa, segue um caminho que conduz necessariamente ao surgimento da via metafísica;
- a natureza das relações entre o Templo de Salomão e o homem, concebendo o Templo como o que se chamaria atualmente de uma imagem arquetípica;
- as alusões teosóficas e seu caráter cristão, mas não confessional. Esse caráter possui o espírito do Cristianismo bem despojado, muito próximo da mensagem original do Cristo, e

referindo-se por diversas vezes à lei do Amor, mas sem uma tipologia confessional, o que não seria de modo algum de sua alçada.

Nós temos plena consciência de que essas poucas linhas são absolutamente insuficientes para delinear a história do Rito, assim como para indicar suas finalidades. Quem desejar aprofundar-se nesses temas, poderá reportar-se à obra-chave de Jean Tourniac, *Principes et problèmes du Rite Écossais Rectifié* [Princípios e problemas do Rito Escocês Retificado], e à monumental obra de René le Forestier, citadas na bibliografia.

O Grau 4º - Mestre Escocês de Santo André

Mas por que se interessar mais particularmente pelo grau de Mestre Escocês de Santo André, o 4º grau de um Rito de seis graus, já que existem nos principais Ritos maçônicos praticados, tanto os Altos Graus quanto os Graus de Perfeição?

A razão é muito simples. Diferentes dos outros, esse grau não pode ser considerado como um Alto Grau, pois isso não existe, nesses termos, no Regime Retificado. O grau de Mestre Escocês, usualmente chamado de maneira abreviada de Mestre X, constitui uma intermediação, mais exatamente um ponto, entre os três graus azuis de Aprendiz, Companheiro e Mestre, e a Ordem Interna que completa o Regime Retificado e lhe dá todo o seu sentido. Essa Ordem Interna não faz mais, de maneira direta, apelo ao simbolismo e de modo algum à alegoria^[2].

Em resumo, nos três primeiros graus e no 4º ainda, apesar de uma maneira menos velada e mais direta, tudo é apresentado por imagens e símbolos: de alguma forma, é a via úmida da alquimia. O Mestre X chega ao final dessa via, que ele jamais pode ultrapassar. A ele será dito na Instrução do grau, como resultado da cerimônia de recepção, que aqui o papel direto da ação simbólica chega ao fim, e que ele terá de trabalhar de modo diferente, caso siga seu caminho na Ordem. Para retomar a imagem alquímica, se bem que a alquimia não tinha de fato lugar algum nesse Rito; terminando aqui a via úmida, doravante ele deverá preparar-se para utilizar a via seca, muito mais penosa. É o que indica, entre outras coisas, a divisa que lhe é proposta: *Meliora praesumo*.

O grau de Mestre X é ao mesmo tempo um complemento dos três graus simbólicos precedentes, com relação aos quais ele tende a permitir completar a assimilação, e uma preparação para o que será sua sequencia lógica no espírito do Regime: os graus de Escudeiro Noviço e depois de C.B.C.S. (Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa). Nesses dois últimos níveis, que não são mais maçônicos (propriamente falando), a origem cavaleiresca e sua dedicação a uma verdadeira cavalaria espiritual, assim como a marca tipicamente cristã do Rito, tornam-se absolutamente evidentes e inegáveis.

Como nível intermediário, os elementos constitutivos do grau de Mestre X irão enfatizar a passagem da Antiga Lei à Nova Lei, do Antigo ao Novo Testamento. Mas é necessário compreender adequadamente, ao contrário do que alguns acreditam ter visto ou

^[2] Ver *Principes et problèmes du Rite Écossais Rectifié et de sa chevalerie templière*, Jean Tourniac, Dervy, várias edições.

entendido, que essa passagem se faz no espírito do verso do Evangelho em que o Cristo diz:

“Não credes que eu vim para suprimir a Lei ou os profetas; eu não vim para abolir, mas para cumprir. Porque em verdade vos digo, até que o céu e a terra passem, nenhum *iota* ou til se omitirá da Lei, sem que tudo seja cumprido” (Mateus 5,17-18);

e em outro lugar:

“É mais fácil passar o céu e a terra que cair um til da lei” (Lucas 16,17).

No mais, elas não correspondem nem mesmo ao Evangelho de João: “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco” (João 10,16). Mas isso é outra história.

Copyright, By MADRAS EDITORA

Roland BERMANN, O Grau de Mestre Escocês de Santo André no Rito Escocês Retificado - Sua Natureza e Seu Esoterismo - Edição Revisada e Ampliada